



**O SR. PRESIDENTE** (Deputado Daniel Vilela) - Como Líder, tem a palavra o Deputado Sérgio Vidigal. S.Exa. dispõe de 5 minutos.

**O SR. DEPUTADO SÉRGIO VIDIGAL** - Sr. Presidente Deputado Daniel Vilela, Sr. Relator Rogério Marinho, quero cumprimentar todos os Deputados aqui presentes, os Deputados que participam desde o início deste debate. Fico muito surpreso em ver que alguns Deputados não participaram das reuniões e hoje estão votando. É uma preocupação que eu tenho porque nós precisamos votar com convicção. É fundamental que o nosso voto seja por convicção.

Eis os três pilares que propõe a reforma: reaquecimento da economia deste País; redução de ações trabalhistas, trazendo segurança jurídica e geração de emprego, conseqüentemente, para a população, para o trabalhador brasileiro.

Eu queria fazer uma reflexão, Srs. Parlamentares. Em 2011, nós chegamos a ser a 6ª economia do mundo. Repito: a 6ª economia do mundo. A legislação trabalhista era essa, bem como a legislação previdenciária. E o País chegou basicamente ao pleno emprego. Nós temos o hábito de terceirizar responsabilidades. Aqui se diz que um dos culpados pela retração da economia e do desemprego foi Getúlio Vargas. Até a Getúlio Vargas está sendo atribuída essa responsabilidade.

Aproveito a oportunidade e parabenizo o Deputado Rogério Marinho pelo seu relatório, que tem muita coisa positiva. Sei do empenho de V.Exa. Mas quero dizer aos pares que nós estamos esquecendo de deixar que o verdadeiro interessado na reforma trabalhista participe deste debate, que é o trabalhador brasileiro.

Nós entendemos muito bem que tanto o empregador como o trabalhador são vítimas desse sistema. O que fez a economia cair do 6ª lugar e chegar, em 2014, ao 9º lugar foram exatamente a retração da economia do País e a desvalorização do real. Isso é o resultado de um governo sem planejamento, sem transparência, sem aplicabilidade de recurso público.

Ninguém disse aqui que um dos culpados pelo que o País está vivendo foi a corrupção instalada no Brasil. Eu não vou dizer se foi partido "A" ou "B", já que todos os partidos brasileiros de grande porte estão envolvidos na lista da Odebrecht. No País o pequeno empreendedor não foi prestigiado, apenas o grande empreendedor continua sendo prestigiado, o grande investidor, o grande financista.



Trago outra reflexão para os Parlamentares. Não estou aqui como defensor do empregador ou do empregado, todos merecem o nosso respeito. Mas é preciso ter convicção. Nós estamos discutindo aqui o futuro do trabalhador brasileiro, vendendo a expectativa de que isso vai mudar o País. Já vendemos muitas expectativas de que isso vai mudar o País, mas não tenho essa convicção. Tenho certeza de que muitos votarão também por não terem essa convicção. Por não ter convicção, Sr. Presidente, nós precisamos ter um cuidado muito grande.

O Relator disse que o projeto de lei que teve mais emendas foi o PNE, foram apresentadas mais de 1.200 emendas. Debateu-se nesta Casa, durante 4 anos, o PNE. Nós estamos debatendo a reforma trabalhista em menos de 90 dias. E achamos que estamos com a arma para resolver o problema do País. Estamos com a arma na mão, sim. É uma arma, sim.

Isso me faz lembrar que quando o cidadão é abordado na rua por um delinquente, que lhe aponta uma arma e diz *“Ou a carteira ou a vida”*, ele vai entregar a carteira. É o que vai acontecer com o trabalhador brasileiro após a aprovação dessa reforma do jeito que está. Ele está desempregado, mas se aparecer um subemprego precarizado ele vai preferir ficar no subemprego terceirizado e precarizado.

Isso não vai resolver o problema do empregador porque o problema deste País é a alta carga tributária. Estes são o grande problema deste País: falta de investimento e infraestrutura, falta de capacitação e qualificação do trabalhador. Se nós queremos um trabalhador produzindo mais não aumentemos sua carga horária, aumentemos sua capacitação e sua qualificação. Assim ele vai produzir mais trabalhando menos. Nós precisamos ter essa visão de futuro neste País.

Vamos olhar para frente. Vamos olhar para frente. E olhar para frente, Sr. Presidente, é nós enxergarmos que precisamos nesta Casa votar por convicção.

Eu estou aqui pelo voto popular, como todos estão aqui pelo voto popular. Não sou empresário e também não sou funcionário de CLT. Mas eu tenho convicção, porque eu já fui funcionário de CLT, de que essa corda sempre estoura do lado do menor. E, agora, querem amordaçar o Tribunal de Justiça, como se amordaçando pudessem calar. Nós estamos dando tiro no pé.



Vamos aguardar o dia 28 quando o trabalhador vai se manifestar. Vamos aguardar o dia 1º quando o trabalhador vai se manifestar. E aí, sim, nós teremos convicção de votar na reforma trabalhista.

Hoje, da forma como está, o meu voto é “não”, Sr. Presidente.